

ACHADOS DE MOEDA VISIGODA

José Rodrigues Marinho

Em Agosto de 1996 foi-nos mostrado um tremissis batido pelos Visigodos na Hispânia, aparecido poucos meses antes em terrenos junto à fronteira com a Espanha, nas proximidades da povoação alentejana de Barrancos. A moeda é de um dos tipos que, desde há muito, têm sido chamados de cunhagens pré-visigodas e, ultimamente, também como séries pseudo-imperiais, de feição romana, com busto do imperador no anverso e, no reverso, Vitória com palma e coroa de louros na mão, todavia de evoluído estilo bárbaro. Mostra-se em bom estado de conservação, com o peso de 1,015 g e o diâmetro de 19 mm.

Num conjunto de estudos sobre moeda visigoda, publicado em 1995 pela Sociedade Portuguesa de Numismática, sob o título “Ensaio sobre História Monetária da Monarquia Visigoda”, foi sugerido que as espécies de tipologia semelhante à que agora apareceu – quer com o nome dos imperadores Anastasius I (491-518), Justinus I (518-527), Justinianus (527-565) ou Justinus II (565-578), quer apresentando legendas deturpadas ou não compreensíveis – fossem melhor designadas por moedas visigodas pré-nacionais. Esta denominação fora, aliás, já usada por Miles (p. 172) e, de igual forma, por Tomasini (pp. 34 e 88).

Nestas moedas, tanto o busto que figura o imperador como, de forma mais peculiar, a Vitória foram objecto de evoluções estilísticas ao longo de muitas dezenas de anos, acompanhadas também pela evolução das legendas. Isto levou Tomasini a agrupar as espécies por estilos evolutivos, sujeitos a variadas influências e com notada ocorrência em determinadas regiões do Reino Visigodo, onde os artistas das casas da moeda interpretariam a seu modo, com relativo critério, as directivas emanadas do poder central.

O espécime de Barrancos tem uma legenda não inteligível, conhecida por legenda “curru”, comum a diversas espécies das últimas séries pré-nacionais, e assim designada por nela figurarem essas letras e a sua forma invertida. Contudo, são poucos os exemplares que apresentam perfeita essa forma CVRRV, nela entrando por vezes letras diferentes e faltando outras. Tomasini distribuiu as moedas com legendas “curru” por cinco grupos –

C1 a C5 —, descrevendo os primeiros três como resultantes de um variado desenvolvimento estilístico na oficina de Toledo e, quanto aos restantes, C4 seria proveniente de presumível alteração numa oficina da província Cartaginense tendo em vista uma uniformização monetária e C5 resultante de evolução natural na casa da moeda de Mérida.

As legendas da moeda de Barrancos são, no anverso, $\overline{\text{CVRRIT}} + \overline{\text{IVRIIVD}}$ e no reverso, $\overline{\text{V VRRIV}} \overline{\text{IVRIIV}}$ com $\overline{\text{DNOC}}$ no exergo. O seu tipo integra-se no grupo C3 de Tomasini, o qual é caracterizado por apresentar, no anverso, a cabeça com o diadema colocado na vertical, a área peitoral bastante simplificada, em forma de trapézio, tendo sobre cada ombro uma pequena circunferência, figurando fíbulas e, no interior, além da cruz, uma pequena linha curva face a cada canto; no reverso, a Vitória, estilizada, quase mostra já as seis pernas rectas e paralelas, mas, nesta moeda, uma delas ainda se apresenta bastante dobrada. Note-se ainda o ponto colocado a meio das pernas, característico das emissões “curru” e menos comum em cunhagens imediatamente anteriores, mas que vai passar à emissão seguinte, já de tipo nacional, efectuada na oficina da capital e em algumas outras casas da moeda.

Outra das características do grupo C3 é o relativo baixo peso das moedas, situando-se o seu peso médio próximo de 1,30 g, enquanto os dos grupos C1 e C2 estão bem acima de 1,40 g e os de C4 e C5 numa posição intermédia. Este grupo C3 é também o que apresenta uma maior amplitude na variação dos pesos, que se estendem desde 1,015 g, verificado agora nesta moeda de Barrancos, até 1,416 g, do tremissis nº 571 do livro de Tomasini, uma peça do Gabinete Numismático de Catalunha, em Barcelona. Curiosamente, é também neste Gabinete que está a moeda de C3 com o menor peso referido por este autor, a nº 572, com 1,028 g, bem próximo do peso do exemplar aqui apresentado. É possível que todos estes factos venham a adquirir um significado mais conclusivo, à medida que o número de achados conhecidos e de moedas estudadas proporcione um melhor conhecimento dos grupos estilísticos. Veja-se que o corpus publicado por aquele autor descreve apenas 21 moedas do grupo C1, 10 do C2 e 32 do C3, enquanto dos grupos C4 e C5 refere somente 3 e 8 exemplares. Após a publicação deste livro, mais espécies visigodas pré-nacionais têm sido dadas a conhecer, mas poucas têm sido as estudadas.

Uma outra moeda da série “curru”, ainda inédita, apareceu há cerca de uns oito para dez anos no Algarve, nos arredores de Silves. Pelo critério classificativo de Tomasini, o estádio de evolução em que se integra é anterior ao da moeda de Barrancos, formando o grupo C2 e admitindo-se o seu fabrico também na oficina de Toledo. Assim, no anverso, a parte superior da cabeça apresenta o diadema oblíquo, dividindo-a em duas partes, uma frontal triangular e a outra posterior, onde o cabelo é figurado como se crescendo de baixo para cima. Na zona peitoral, que assemelha o trapézio, os ombros terminam em ponta e, no esquerdo, nota-se o desenvolvimento de uma espécie de dragona. O interior, onde figura a cruz, é bastante trabalhado, com diversas linhas curvas decorativas. No reverso, as seis pernas da Vitória apresentam-se curvilíneas na maioria. A legenda é outra das variá-

veis que definem este grupo C2, com a existência de uma cruz a meio, que pode apresentar-se ou na legenda do anverso, ou na do reverso, ou nas duas. Algumas vezes, no anverso, a cruz assemelha uma estrela e outras a letra X. Na moeda de Silves, as legendas são, no anverso **CVRRTHXINTYRV** e no reverso **V VRTI I + IVCITAV**, com **CVIIC** no exergo. O seu peso é de 1,445 g e o diâmetro não ultrapassa os 16,7 mm.

No livro “Ensaaios... “referido atrás, um dos estudos trata das concentrações de ouro dos tremisses pré-nacionais dos Visigodos. Nesse estudo, os resultados das análises então efectuadas são comparados com os valores obtidos em análises anteriores, sendo comentadas 81 moedas, das quais 15 pertencentes aos grupos “curru”, com a falta do C4. O teor de ouro dessas moedas “curru” mostrou-se não inferior a 92%, com excepção de uma moeda do grupo C3, ao tempo analisada e a que foi dada a referência AC 34, a qual revelou uma concentração média de 88,7%. Esta moeda tem um certo interesse, pois foi batida com um cunho de anverso gravado num ferro com o campo propositadamente granulado, todavia com o reverso aberto em campo liso, normal. As moedas que conhecemos com esta particularidade são bastante escassas e não parecem falsas. Poderão indicar uma origem diferente das outras do grupo C3, ou serem emissões finais, assim diferenciadas, próximas do lançamento da série seguinte, que vai manter exactamente o mesmo tipo de busto e da Vitória, apenas com a alteração das legendas, que passam para **LIVVIGILDVS** no anverso e **INCLITVS REX** no reverso. Um tremissis desta série nacional, estudado em 1992, apresentou um teor de ouro de 86,4%.

As legendas do tremissis AC 34 não foram publicadas, e figuram ser, no anverso **CVRVVT + IIVVRV** e no reverso, **VV VRV I VYRV** com **CVIIC** no exergo. Além da moeda AC 34, outras moedas de grupos “curru”, também analisadas para o referido estudo e cujas legendas não foram mencionadas, são as referenciadas AM 41 (foi só publicada a legenda do anverso), AM 45 e AM 44, as quais pertenceram à colecção Niepoort. Assim, para o tremissis AM 41, do grupo C1, dá-se apenas a legenda do reverso, **CV ROAT I IIIVOIV** com **CVIIC** no exergo. Para os tremisses AM 45 e AM 44, classificados no grupo C3, as legendas são, para o primeiro, no anverso **CVRRIO + OIRYV** e no reverso, **V VRO IYRV** com **CVIIC** no exergo. Para a moeda AM 44, o início da legenda do anverso tem alguns traços que deixam dúvidas a que letras pertencerão, contudo a leitura mais provável será **CVRIIVTIII + IYRVIV** no reverso, **VI VRVI I VRAVRV** com **CVIIC** no exergo.

Livros consultados:

George C. Miles (1952) *The Coinage of the Visigoths of Spain, Leovigild to Achila II*, The American Numismatic Society, New York.

Wallace J. Tomasini (1964) *The Barbaric Tremissis in Spain and Southern France Anastasius to Leovigild*, The American Numismatic Society, New York .

Philip Grierson and Mark Blackburn (1986) *Medieval European Coinage, 1 The Early Middle Ages (5th-10th centuries)*, Cambridge.

D. M. Metcalf, J. M. P. Cabral and L. C. Alves (1992) *Sixth-Century Visigothic Metrology, some evidence from Portugal*, em *American Journal of Numismatics* 3-4, The American Numismatic Society, New York.

Mário Gomes Marques, J. M. Peixoto Cabral e J. Rodrigues Marinho (1995) *Ensaio sobre História Monetária da Monarquia Visigoda*, Sociedade Portuguesa de Numismática, Anexos NVMMVS nº 3, Porto.

Agradecimento

O autor agradece aos Srs. Carlos Marques da Costa e José Prata Batista a cedência, para estudo e publicação, das moedas encontradas em Silves e em Barrancos.



X 2



Moeda de Barrancos



X 2



Moeda de Silves